

<b>Título:</b> Eliane no útero		
<b>Veículo:</b> O Globo - RJ	<b>Seção:</b> Prosa & Verso	
<b>Página:</b> 4	<b>Data:</b> 11/06/2011	<b>Valor:</b> RS 0,00
<b>Colunista:</b> José Castello		

Uma das qualidades mais aflitivas da nova literatura brasileira é a mornidão. Surgiram, sim, muitos escritores de talento. A maior parte deles, porém, tem a alma gelada. Uns, com técnica e premeditação, como se aplicassem na Bolsa, escrevem para o mercado. Outros, supondo-se eruditos, e como se defendessem uma tese, escrevem para a crítica. As imagens do cinema, da TV e da web hipnotizam tantos outros. Onde estão os escritores fortes? Onde estão aqueles — como Clarice Lispector, Raduan Nassar, Hilda Hilst, João Gilberto Noll — para quem a literatura não é um ofício, ou um jogo intelectual, mas uma aventura e, sobretudo, um ato?

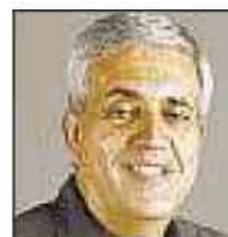
Eis que surge Eliane Brum. Anota seu nome. Os leitores da revista “Época” já conhecem suas corajosas reportagens, em que a sensibilidade dá as cartas. Elas estão reunidas em coletâneas imperdíveis — a mais recente, “O olho da rua”, publicada em 2008 pela editora Globo. Sempre acreditei que na repórter Eliane se escondia uma grande ficcionista. A prova surge com o lançamento de seu romance de estreia, “Uma duas” (editora Leya).

Falei em Clarice, mas não se iludam: Eliane não é sua discípula, ou herdeira, ou mesmo uma copista. Ela não se parece com Maria Lúcia, a mãe da protagonista Laura, que, na mocidade, aprendeu a odiar as palavras copiando as cartas de amor que o pai lhe ditava. O conceito que Eliane Brum tem da ficção é outro: em vez de cópia aplicada, ou desempenho impecável, ela é uma maneira de existir.

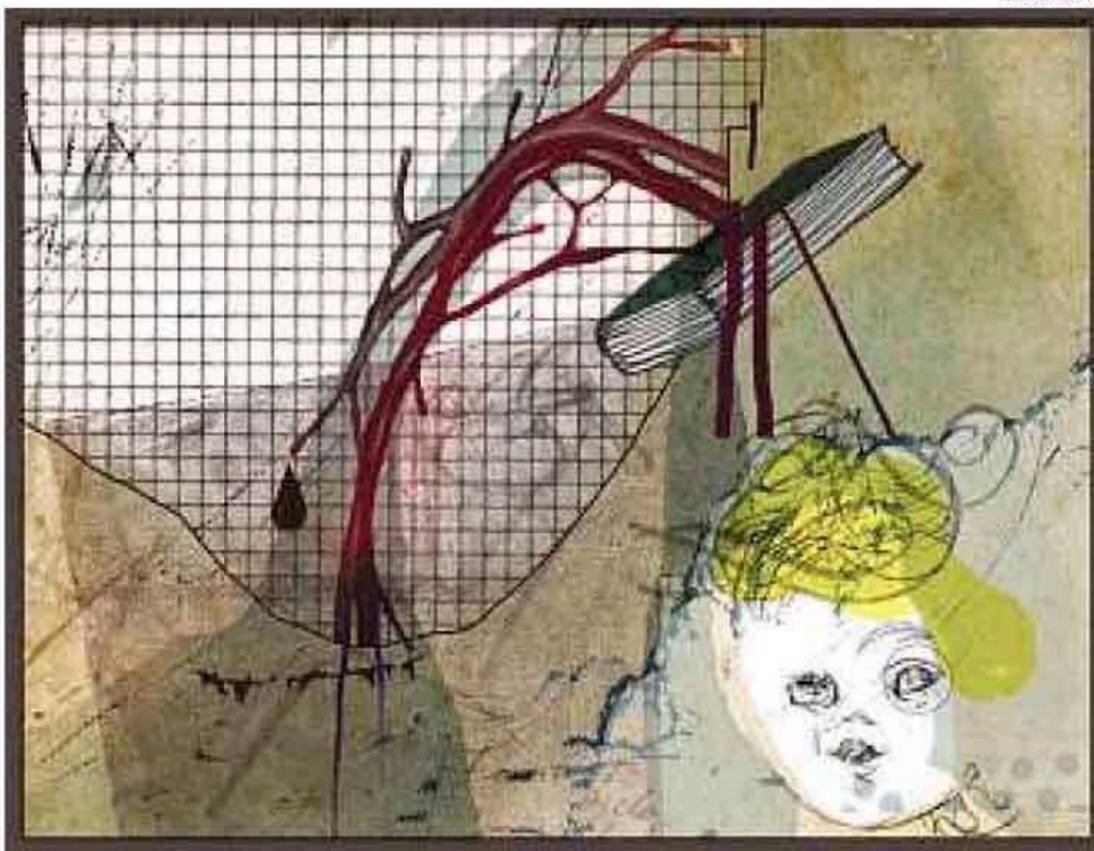
Desde cedo, Laura acostuma-se a se cortar com uma navalha, na esperança de sangrar a mãe que, como uma intrusa, levava dentro de si. As cicatrizes da sangria, que traz inscritas no corpo, são seu silêncio. Enfim, começa a escrever — a narrativa que agora nos chega às mãos. Logo entende: “Depois da primeira palavra não me corto mais. Eu agora sou ficção. Como ficção posso existir”.

Sua vida se arreventa quando encontra a mãe, Maria Lúcia, agonizando, no chão de casa. As palavras lhe falam, apenas grita. Gritos — como os cortes que inscreve em sua pele — são palavras que não podem ser ditas. Ao escrever, enfim, as palavras lhe dão um corpo. Não só a ela: também a mãe passa a anotar suas aflições. O livro que nos chega é o entre-

# JOSÉ CASTELLO



Cavalcante



## Eliane no útero

cruzamento das duas narrativas. Só que, em vez de escrever para escapar, Laura escreve “para entrar na mãe”. Faz um retorno ao útero, não para nele se aconchegar, mas para destruí-lo.

Um excesso de realidade asfixia o mundo contemporâneo e escrever é o modo que Laura encontra para respirar. “Ainda que eu sangre com sangue, esse ritual eu conheço”, diz. “É uma constituição. Eu me constituo pelas cores vivas em mim”. Agora que escreve em vez de sangrar, seu medo se dilata. As palavras, ao contrário do sangue mudo, não a constituem, mas — como navalhas secretas — a retalham. “O que farão de mim? Me matarão as palavras?”

Não é sempre que surge uma escritora como Eliane, para quem a ficção é um ato de superação — uma travessia existencial, e não um exercício virtuoso. O mundo é excessivo, há realidade demais — repórteres conhe-

cem a experiência desse excesso. Realidade devastadora, se não a físgamos com a isca da língua e a desdobramos em ficção, ela nos mata. Enquanto a mãe agonizava, o gato de estimação, faminto, lhe comeu um pedaço do pé. Para escrever, o escritor deve devorar algo de si. O “artista de estimação”, aquele que agrada ao mercado e adula a crítica, precisa se transformar em fera, ou não escreverá para valer. Feras não têm limites, elas têm fome e elas têm dentes. Não é qualquer escritor que suporta.

A ficção como corpo: eis o caminho radical que Eliane Brum escolheu. Desdobra-se em Laura, não porque suas biografias coincidam, ou porque deseje nela se espelhar, mas para dispor de um caminho. Encarna-se em sua personagem, como quem apura uma reportagem interior. Interroga não o outro, pois os fatos não a interessam. Seu objetivo não é a ordenação do mundo, sua edição bem

cuidada, mas seu doloroso sangramento. Laura reconhece: “É reconfortante escrever sobre a vida dos outros. Esta é a melhor parte de ser jornalista. Poder escrever sobre uma realidade que não precisa virar ficção para ser pronunciada”. Como Eliane Brum, sua protagonista também é repórter. Abandona, porém, a profissão para cuidar da mãe adoecida. É no trato das feridas que a ficção surge.

Maria Lúcia desconfia da escrita da filha. “Como sempre adivinha tudo, minha mãe sabe que eu escrevo. Que encontrei um jeito de arrancá-la de mim sem sangrar”. Quando se cortava, Laura esperava esvaziar-se da mãe mas, na verdade, sangrava de si mesma. Com a ficção, ao contrário, o sangue que se derrama em palavras desenha e fortalece o corpo. Ergue uma muralha, que barra a mãe, separando mãe e filha, lhes permitindo ser. Vivida como um ato, a ficção deixa de ser arte e serve converter em combate. Luta interior, na qual o escritor, não porque fale de si, mas porque fala fora de si, enfim ganha um corpo.

Há um preço. Relata Laura: “O sangue corre para dentro das teclas. O capítulo um nasce ensanguentado”. A ficção lhe serve como uma cicatriz, que estanca o sangue derramado, mas também assinala o desenho de uma ferida. Não são muitos, hoje, os escritores que se expõem a esse risco. A literatura atual cede ao fascínio do prestígio e à tentação dos resultados. Ao contrário, não há lógica de “custo-benefício” que dê conta da ficção de Eliane Brum. Fazer literatura, para ela, não é inventar — tramas eletrizantes, ou teses impecáveis — mas desinventar-se.

Ciente do risco das palavras, Laura se policia. Anota: “Tenho de me policiar para não me fazer melhor do que sou”. Ao contrário do jornalismo, que acredita na firmeza dos nomes, a literatura conhece sua viscosidade. A literatura — tal qual Eliane a pratica, como aventura do ser, e não jogo — inclui a superação da própria literatura. Também a mãe precisa escrever a última palavra que o pai lhe ditou, aquela que nunca ousou escrever, para enfim desgrudar-se da filha. Laura, porém, não se ilude. Ao fim de todo esforço, a ficção é só uma cicatriz, delicada, resto humano da grande aventura.

Email: [josecastello@gmail.com](mailto:josecastello@gmail.com). Leia mais textos do colunista em [www.oglobo.com.br/blogs/literatura](http://www.oglobo.com.br/blogs/literatura)